

Entre biografias e autobiografias pedagógicas

Os diários de infância*

Egle Becchi (Universidade de Pavia/Itália)

*Tradução: Gizele de Souza (UFPR) e
Revisão Técnica: Luiz Ernani Fritoli (UFPR)***

Uma primeira versão deste ensaio aparece como capítulo intitulado “Diários de Infância: proposta para a organização de um arquivo” em E. Becchi e A. Semeraro (orgs.), *Arquivos de infância. Para uma historiografia da primeira infância* (Milão, La Nuova Italia, 2001a, pp. 289-310). Para a redação do presente, utilizei ainda um outro ensaio em processo de impressão na revista *Medicina e Storia*, intitulado “Corpos infantis e novas paternidades: inícios da pediatria moderna”.

BIOGRAFIA; AUTOBIOGRAFIA; INFÂNCIA; DIÁRIO.

A first version of this essay appears as a chapter with the title “Diari d’infanzia: proposta per l’organizzazione di un archivio”, in E. Becchi and A. Semeraro (eds.), *Archivi d’infanzia. Per una storiografia della prima età* (Milano, La Nuova Italia, 2001a, pp. 289-310). For the writing of this essay, I recurred also to an essay to be published on *Medicina e Storia*, under the title “Corpi infantili e nuove paternità: inizi della pediatria moderna”.

BIOGRAPHY; AUTOBIOGRAPHY; CHILDHOOD; DIARY.

* Uma primeira versão deste ensaio, apareceu como capítulo intitulado “*Diari d’infanzia: proposta per l’organizzazione di un archivio*” em E. Becchi, A. Semeraro (a cura di) *Archivi d’infanzia. Per una storiografia della prima età*. Milano, La Nuova Italia, 2001a, pp. 289-310. Para a redação do presente artigo me vali também de um ensaio (no prelo), na revista *Medicina e Storia*, intitulado “Corpi infantili e nuove paternità: inizi della pediatria moderna”.

** Gizele de Souza, professora do setor de educação da Universidade Federal do Paraná. Luiz Ernani Fritoli, professor de língua e literatura italiana do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFPR.

Um *corpus* de 78 diários de crianças, recolhidos até agora – a lista está no apêndice¹ introduz em um teatro de sujeitos que moram em lugares, realizam ações, convivem e usam instrumentos do cotidiano. Uma série de cenários delineados *en gros*, ou detalhados nos mínimos particulares, abre-se agora, depois de séculos, ao leitor que assiste a uma série de atos teatrais, onde crianças, mesmo as muito pequenas, crescem e são vistas, guiadas e descritas em seu crescimento, por adultos atentos e desejosos de manter as memórias desses acontecimentos. O menino do qual se escreve é sempre colocado em um espaço, geralmente organizado a seu modo, e vive entre outros – meninos, pais, professores, terapeutas, empregados – que constituem um microcosmo, onde a ordem social se essencializa com vistas do desenvolvimento que se quer que ele siga. Pequenos príncipes (Louis XIII da França, menino e rei muito precoce, como o descreve em seu *Journal* o médico Heroard; Sophie, para cuja educação o ansioso pai, futuro soberano de Wurtemberg, pede conselhos a Rousseau) e nobres em potencial, cujo amadurecimento e educação são descritos de modo minucioso e afetuoso (Teresa Verri, criada à la Rousseau e, também à maneira genebrina, os pequenos Órleans como os descreve seu mentor Bernard de Bonnard) estão no centro desses diários. Mas também crianças menos excepcionais socialmente – pequenos burgueses como os filhos de doutos iluminados alemães dos quais a literatura pedagógica alemã do final do século XVIII nos dá alguns exemplos (são Tiedemann, Winterfeld, Dillenius, Mauchart), e sobretudo criancinhas dos nossos tempos, para as quais mães e papais escreveram crônicas, preencheram álbuns, tiraram, recolheram e organizaram fotos, fizeram filmagens (cito ao fim deste ensaio) constituem a maior parte dessa galeria de retratos que ainda deve ser registrada, organizada, enriquecida, capital precioso para uma história da infância, até aqui inexplorado e longe de ser completo².

1. Neste ensaio, analisei de maneira detalhada os diários listados no Apêndice contidos na lista A. Sobre aqueles da lista B, contidos em pré-estampas, está já em preparação um segundo ensaio.
2. Uma primeira contribuição e estímulo a pesquisas mais precisas são os dois textos de L. Trisciuzzi, *La scoperta dell'infanzia*, Florença, Le Monnier, 1976, e *Il mito*

Uma pesquisa, portanto, que interessa os historiadores da primeira infância, mas que desde agora propõe problemas de classificação, porque o material recolhido não é homogêneo, pede critérios de leitura articulados a dúcteis e sobretudo suscita questões teóricas, narratológicas e historiográficas.

1. Sujeitos e escrituras

Um primeiro movimento deve dar conta da locução *diários de infância* que aparece no título e com a qual entendo textos de adultos que escrevem sobre crianças seguindo um fio cronológico prevalentemente ligado ao desenvolvimento da criança que constitui o objeto da escritura. O genitivo *de* em “diários de infância” é portanto, objetivo, ou seja, indica que em tais obras se fala de infância, e não é uma criança que fala de si, nem um adulto que fala da sua primeira infância. O sujeito narrador é quase sempre a pessoa grande, mas, com frequência palavras – referidas literalmente ou de modo indireto –, algumas vezes páginas escritas – diários, cartas, contos ou textos –, outras vezes rabiscos e desenhos da criança³ são parte constituinte da obra, e nesses textos – não raro longos

dell'infanzia, Napoli, Liguori, 1990. Por minha conta, procurei comentar não apenas alguns diários já reeditados e introduzidos por Trisciuzzi (Tiedemann, Taine, Ferri), mas de descobrir e ler outros, que indiquei na lista constante do Apêndice. Aventurei-me também nas primeiras considerações do conjunto, pelo qual remeto aos meus ensaios “Immagini di bambini e bambine nella primissima età: note per una Storia” em *Infanzia*, pp. 1-7, setembro 1997. “Diari d’infanzia” em L. Restuccia Scritta (a cura di), *Il presente ricordato. Bambini, identità memoria nei servizi per l’infanzia e nella famiglia*, Milano, Angeli, 1998, pp. 80-89; “Storie di bambini o storie d’infanzia?”, em A. Semeraro (a cura di), *Due secoli di educazione in Italia (XIX-XX)*, Scandicci, La Nuova Italia, 1998, pp. 3-19; “Scrivere di bambini con senso pedagogico”, em *Encyclopaideia*, 10 julho-dezembro 2001, pp. 41-54.

3. É esse o caso do *Journal* de Héroard, que insere no seu diário muitas folhas com rabiscos, desenhos, depois frases escritas do pequeno Delfim e alguns diários da avó de Anna e Claudio, nos quais estão presentes também desenhos e páginas escritas dos netinhos. O último e artisticamente bom exemplo é o diário de Leone Pentich, ilustrado com desenhos do próprio Leone quando adolescente e jovem.

e de qualquer modo freqüentes – o *récit* resulta construído pela própria criança. Muitas vezes o pronome é um *nós* dual – do sujeito que escreve e do sujeito que constitui objeto da escritura – mas que ao mesmo tempo diz – e às vezes até escreve de si (um exemplo é o de Hugo Frank, que mantém, ele mesmo, um diário e os *Tagebuecher* de viagem). Pode-se portanto falar de textos mistos de biografia e de textos de diários de infância – e aqui o *de* tem valor subjetivo.

Uma outra dimensão freqüente é que o adulto que escreve e a criança da qual se escreve vivem em uma estreita comunhão de lugares e situações, e que o “grande” tem uma sua competência – de tipo social, pedagógico, terapêutico – em relação à criança; é um pai, um preceptor, um médico ou todas essas coisas juntas. O não adulto, portanto, se inscreve em um projeto da pessoa madura que possui sobre ele não apenas um poder que lhe é conferido oficialmente ou em modo privado, mas que de qualquer modo autentica o seu fazer – além do seu dizer da criança – justamente escrevendo sobre estes.

Ainda: a ordem do tempo é complexa. Mesmo se em alguns diários o autor constrói o seu texto quando os eventos já ocorreram há algum tempo (como fizeram Darwin e Frontali) e se vale de anotações feitas em momentos contemporâneos, mas muitos anos antes que as coisas aconteçam, freqüentemente ele os anota em tempo real e às vezes até os prevê, mesmo se fala detalhadamente *ex post facto*. Além disso, o tempo não é o mesmo de uma crônica, mas sim de etapas de uma vida que se desenrola diante dos olhos de um observador que a protocola, mas sobretudo a seleciona segundo esquemas que são decididos *a priori*. De fato, trata-se de um tempo que o adulto não só cadencia segundo princípios que ele privilegia – ligado a ideologias pessoais e culturais – mas que respondem – freqüentemente em modo não declarado, mas não por isso menos forte – a situações existenciais do adulto que escreve: um caso extremo é, mais uma vez, aquele de Hermann Franck, cujo diário se conclui com a morte do filho, provável vítima de um ato de violência do próprio pai, que imediatamente se suicida.

Sobre esses testemunhos gráficos da mão infantil remeto ao meu artigo “Storie con disegni” em *Cadmo*, VIII n. 24, pp. 83-90, dezembro 2000.

Dessas dimensões de fundo são um vivaz corolário outros aspectos que aqui me limito a enumerar esquematicamente e dos quais aos poucos tentarei indicar os exemplos mais significativos.

Freqüentemente, quem escreve dirige-se à criança de forma epistolar (é o caso de Verri em relação à sua pequena Teresa, e de Hermann Franck que se dirige ao filho chamando-o *Meu caro Hugo*) ou, de qualquer forma, convidando-o no perímetro e nas intenções da narração. Esse envolvimento que provavelmente é atribuível também à tradição epistolar que constitui, a meu ver, uma das matrizes culturais desse tipo de texto, responde também a intenções pedagógicas bastante freqüentes, motivo pelo qual os diários de infância são também documentos educativos para o uso da criança que é o protagonista, que deles deverá fazer uso ao longo da infância e quando virar adulto, para completar a sua educação e/ou formar, por sua vez a filhos. Não basta: a criança pode também servir-se desses diários como modelos para o exercício de escritura autobiográfica para os quais, no início de 1800, foi intensamente treinado⁴.

Para além desse feixe de caracteres compartilhados, a uniformidade de tais textos se rompe e, mesmo sendo possíveis alguns agrupamentos, não se pode falar de todos com o mesmo título.

Antes de mais nada, eles variam em relação aos sujeitos falantes. Freqüentemente se trata de pais, juntos mamãe e papai (William e Clara Stern, os Scupin, os Frontali, mamãe e papai de Hanna Arendt) onde, porém, não há sempre paridade, no sentido que um dos pais – especialmente a mãe – é aquele que recolhe e evoca o material, mas quem o organiza é o pai, o qual aparece no frontispício como único autor. Outras vezes é o pai sozinho (Wurtemberg, Pestalozzi, Verri, Tiedemann, Dillenius, Wirtenfeld, Mauchart, Franck, Schleicher, Darwin, Tommaseo, Ferri, Taine, Preyer, Rossi, il padre del piccolo Hans, Augusta, Frontali, Lichtner) que escreve o texto. No meu *corpus* a mãe é menos freqüente-

4. Vale para todos um pequeno volume sobre diários, editados em 1813, Anônimo, *Ueber Tagebuecher zur befoerderung der Kenntnis und bildung des Herzens und Verstandes. Fuer die Jugend. Mit auserlesenen Beyspielen und Lehren beruehmter Maenner*. Muenchen, Lentner, 1813, que tinha intenção de funcionar como guia à escritura de um diário (*Tagebuch*) por parte de crianças e adolescentes.

mente a autora (Robert Stevenson, Alik, Ursula, Bubi Scupin nel III diário, Formiggini, Robertson, Pentich, Fabrice, Silvia, Viola, Mirta); uma vez é uma tia ou tia-avó (Washburn Shinn), outras vezes um tio (Egger), um avô (Giorgia), uma avó (Anna e Claudio). Em alguns casos – trata-se de inéditos – não é possível distinguir se são os pais ou parentes que preenchem diários pré-estampados⁵. Às vezes o autor é um estranho que tem uma relação longa e estreita com a criança: médicos (Héroard), psicoterapeutas (Freud, no qual o analista é também pai da criança; A. Freud, Klein, Winnicott) preceptores (Bonnard). Em um caso (Eva) trata-se de um hóspede; em outro, de um estranho do qual não se sabe que relação tenha com Ruth, a menina da qual se escreve.

Uma outra característica bastante variada é a idade da criança da qual se fala. Geralmente se trata de bebês na primeira infância e o diário silencia assim que estes tenham alcançado uma fase de sua evolução na qual um certo desenvolvimento ocorreu: são autônomos na alimentação e no andar (Viola, Mirta), vão à creche ou à escola (Enzo, Silvia, Fabrice), aprenderam a falar (Taine, W. e C. Stern, as meninas Frontali, Micol Lichtner), completaram um certo caminho na maturação das habilidades psíquicas de base (Tiedemann, Dillenius, Wirtenfeld, Mauchart, Ferri, Preyer, Rossi), exprimem as suas emoções (Darwin); já são adultos e autônomos (Augusto, Pentich), ou seja, alcançaram uma idade na qual podem assumir eles mesmos a tarefa de dizer e até de escrever sobre si. Mas a conclusão deriva outras vezes de fatos contingentes, e às vezes dramáticos: o *Journal* di Heroard se conclui em 1628, quando morre seu autor. Em dois casos (Franck e Pentich) o diário pára com a morte do sujeito – não mais uma criança – da qual se narrou.

O *incipit* é muitas vezes o do nascimento, mesmo que apenas em alguns casos (Louis XIII, Teresa Verri, o filho di Tiedemann, Lottchen, Augusta, Anna, Fabrice, Viola, Mirta, Silvia) se fale do neonato em termos detalhados e sigam-se-lhe as primeiríssimas etapas evolutivas, até reproduzir – em alguns dos exemplos da lista B do Apêndice –

5. “pré-estampado” – constitui-se em um tipo de diário que já vem impresso mas com espaços definidos para serem preenchidos.

alguns fotogramas da ecografia durante a gravidez. Em alguns casos, o início é um evento forte que não coincide com o nascimento biológico (Hugo Franck que perde a mãe, a Formiggini Santamaría que adota seu menino). Algumas vezes o trecho de vida infantil do qual se fala é mais claramente delimitado, caso em que o autor, é também um cientista e está interessado em algumas dimensões comportamentais do desenvolvimento da criança e as segue por um tempo definido (Tiedemann, Wirtenfeld, Dillenius, Mauchart, Schleicher, Taine, Pollok e W. Stern pela linguagem, Darwin pelas emoções, Ferri pelo sentimento moral e estético, Frontali e Lichtner pela linguagem, Zillig pelo desenvolvimento intelectual em idade escolar, Boltanski por alguns gestos).

Início e conclusão do diário também são determinados por seu objetivo: se se trata de um pai, o diário tem, sobretudo, intenções de documentar uma ligação afetiva e pedagógica que se constrói no tempo e tem um andamento mais contínuo; se esse pai é também um cientista (Tiedemann, Wirtenfeld, Dillenius, Mauchart, Schleicher, Darwin, Taine, Ferri, W. e C. Stern), o diário toma uma forma diferente, trata do período no qual determinadas manifestações comportamentais acontecem e se tornam protocoláveis.

Em alguns casos a narração se interrompe: é este o caso de muitos dos diários que não foram feitos para serem publicados e que pretendiam ser uma espécie de livro de anotações para escrever coisas emotivamente interessantes. Mas há também alguns fatos menos (no caso de Anna e Cláudio, os dois diários param quando os dois meninos, junto dos pais, mudam de casa, e a avó, que escrevia, não os tem mais constantemente sob observação) ou mais dramáticos que explicam a interrupção: a morte do autor e/ou do sujeito do qual se fala (Héroard e Franck).

Existem também diários múltiplos, de estrutura em forma de cacho: os diários de Anna e de Cláudio são acompanhados por um da avó – não citado no *Apêndice* –, do qual o mais amplo segue por uma década o desenvolvimento da netinha, um outro o do netinho, no qual são frequentemente referidos momentos da vida da menina; o terceiro – contemporâneo – é uma autobiografia da avó, autora dos diários dos neti-

nhos, na qual são freqüentes as referências às duas crianças. Tommaso escreve um diário de fantasia no qual conta sobre um bom menino, Benedetto, e sucessivamente mantém um breve diário, interrompido e não publicado por ele, sobre a pequena filha Caterina. Os Scupin dão muitas versões de seus diários. Frontali prepara alguns ensaios científicos – dos quais um é editado em 1955 – anotando e organizando observações sobre a linguagem das filhas, que são escritos muitos anos antes de sua utilização erudita.

Muitas meninas são personagens desses diários: Amalia Louise, Frederike, Lottchen, Teresa, Betty, Elena, Hilde e Eva Stern, as duas Ruth, “A Menina Diabo” descrita por Anna Freud, Ursula, Augusta, Jean, Anna, Micol, Emilia, Piggie, Viola, Mirta, Giorgia são as pequenas protagonistas desses relatos. Schleicher fala da filhinha Emma *ex aequo* com os irmãos Erhart e Ernest. No caso de Darwin, uma irmãzinha aparece como pano de fundo, figura de comparação e de contraste com o menininho do qual se fala principalmente⁶; a avó fala de Anna e Claudio mas os maiores detalhes estão nas páginas dedicadas à menina.

Para dar maior vivacidade e proximidade à vida infantil da qual se conta o desenvolvimento, não são poucos os diários que possuem desenhos feitos pelo autor (Verri, Franck, Freud), ou até mesmo feitos por uma ou mais pessoas muito próximas à criança (Pentich); alguns reproduzem rabiscos e desenhos produzidos pela própria criança (Heroard, Pentich, Anna, Cláudio, Viola, Mirta), transcrições fiéis do que a criança disse (Héroard, Pestalozzi, Tiedemann, Franck, Darwin, Taine, Ferri, Stern, Freud, Winnicott, Klein, Formiggini Santamaria, Clara, Laura, Anna, Cláudio) e escreveu (Héroard, Franck, Anna e Cláudio), passagens que enriquecem a página e tornam mais imediata a presença da própria criança. Nos diários de Anna e Cláudio estão colados alguns recortes de jornal com personagens da época, para tornar mais tangível e vivaz o contexto no qual os fatos acontecem. Em um caso (Boltanski),

6. Provavelmente, trata-se da irmãzinha Annie, que viveu de 1841 a 1851, de quem o pai escreve um breve perfil *post mortem*. Cf. R. Keynes, *Darwin, his daughter & human development*, New York, Riverhead Books, 2001, pp. 214-217.

o diário é relativo a um fragmento muito pequeno da vida de um menino (do qual não se diz o nome nem se vê a face), a poucos mas intensos minutos de seus “fazeres” específicos (subir em uma árvore, ler um jornal, jogar, atravessar uma rua, lavar as mãos) que são apresentados em uma seqüência de fotografias. O diário de Augusta é acompanhado por vários álbuns de fotografia com breves legendas e fotos instantâneas dão mais vida aos diários de tipo “pré-estampado”.

Problemas narratológicos se aglomeram durante a consulta do *corpus*. Uma primeira questão é por quais aspectos esses diários se distinguem das autobiografias. Defrontamo-nos, de fato, com um narrador que conta um acontecimento em primeira pessoa, mas o protagonista não é o narrador, e sim sempre o objeto da narração, a criança. Contudo, analisando bem, trata-se de uma autobiografia *sui generis* porque a mudança da tônica narrativa do si mesmo de quem escreve ao sujeito do qual se escreve serve para dar autoridade ao narrador, a legitimar o seu relato, já que apenas ele que tem certas ligações – de parentesco, de magistério, de terapia, de poder social, enfim – com o objeto de seu escrever que é autorizado a dizer dele, e a tornar-se, com propriedade, o autor legítimo do diário. Escrevendo de um outro que o legitima, ele pode escrever e exercitar a sua arte de autor, tem aqui o juízo prévio do quanto pode dizer – de si e dos outros. Não basta; nesses diários a pessoa que narra está sempre presente, mesmo que em doses diferentes, fala de si, fala de seus sentimentos em relação à criança da qual escreve, é co-protagonista do texto que, por isso, pode ser chamado também de autobiografia. Contudo, deve-se insistir, o *récit* autobiográfico não é exclusivo; o autor não fala somente de si, do seu estar no centro de um acontecimento, mas seleciona, organiza, segue os tempos, os principais eventos, as tendências e tensões do ponto de vista de um outro.

Questões relativas à forma se entrelaçam a interrogativas de tipo mais estritamente histórico e historiográfico. Nos diários que tive oportunidade de ler não só e não tanto se acaba sabendo do menino do qual se fala – do seu crescer, da sua índole, do seu fazer e do seu dizer – mas também daquilo que está em torno dele, daquilo que fazem aqueles que convivem com ele, de tudo quanto constitui o conjunto das circunstâncias materiais, além das humanas, dentro das quais se realiza o seu de-

envolvimento. Nessa altura, a história dessas infâncias singulares se enche de amas, governantas, outras crianças, empregadas, pais que aparecem juntos ou sozinhos, de pedaços de vida adulta ao lado da vida da criança, em lugares abertos – jardins e pátios, viagens, teatros, celebrações e solenidades, – e fechados – o quarto da criança ou o seu viver em lugares comuns a grandes e pequenos –, de brinquedos, livros, coisas de escola. São roupas e comidas, ritmos de sono e de vigília, de estudo e de brincadeiras, são estilos disciplinares, prêmios e punições, palavras e gestos que os outros dirigem a ele, e que todos fazem entrar nesse mundo nada privado do qual outros documentos dizem pouco ou nada, ajudam a repensar universos infantis de outro modo opacos. Mas, mais uma vez, todos esses balanços se exprimem segundo seleções e opções daquele que escreve, que não narra tudo ou de tudo, que muito diz mas também muito cala, e que aparece às vezes no relato de forma mais ou menos evidente, das notas à margem de um *registre* tal qual o de Héroard que comenta na zona branca das páginas os eventos e sobretudo as ações e o dizer de seu pequeno Delfim, aos explícitos comentários de Pestalozzi, de Franck, da Formiggini, do pai do pequeno Hans, da avó de Anna e Cláudio, sobre os próprios sentimentos.

Todo um trabalho a fazer – e não será fácil – é o de individualizar as origens – diferentes por tempo e contexto e portanto heterogêneas – deste tipo de texto que parecem derivar e ter fortes afinidades com o gênero epistolar, diário da saúde, livros de família, autobiografias piedosas, *journaux intimes*, crônicas, agendas. Dentro de qual grupo literário se coloca cada um desses autores uma vez que destine o seu texto, por meio do impresso, a um público? O que motivou um autor a sociabilizar em forma publicada – ou não fazê-lo – um escrito desse tipo? Trata-se de interrogações que aumentam uma vez que se queira enquadrar cada um desses escritos em um clima social e ideológico, em que uma determinada representação de criança é peculiar e acerca da qual o texto em questão resulta em uma contribuição ou um desvio.

2. Diários de fantasia

Histórias geralmente autênticas, esses diários que relatam sujeitos e fatos reais; mas também diários de fantasia, narrações de uma criança que nunca existiu, quase romances que possuem porém uma contínua nota de verossimilhança, são cobertos de palavras prováveis do pequeno do qual se diz, inseridos em paisagens naturais e humanas que os ligam ao mundo real. Trata-se de textos de exortação a um bem fazer pedagógico, do qual oferecem um paradigma plausível, não só pela gestão educativa, mas também pelo modo em que é observado e lido o destinatário do intervento, que quanto mais novo, mais precisa de plausibilidade e verossimilhança.

Se o *Emílio* rousseauiano não se apresenta legitimamente como um diário (mas o que é aos olhos de seu autor? Um tratado, uma *Mémoire*, um conjunto de frases sem sistematicidade⁷ e, por que não?, também um *Journal* autenticado como tal pela sua ambigüidade narratológica), este inaugura um novo modelo pedagógico fundado na observação diacrônica e incessante da natureza da criança. Natureza que é histórica, que cresce, que deve ser vista sem preconceitos no seu *fieri*, que deve ser, portanto, anotada em seus movimentos, relatada em seus progressos para fundar o intervento correto. O *Emílio* dá origem não somente a novas aventuras formativas, mas também a diários que dele falam e prospectam belezas e dificuldades. O príncipe do Wurtemberg, e, mais tarde, Bernard de Bonnard, se esforçam para pôr em prática a mensagem do *Emílio*, escrevendo não apenas como intervêm educativamente, mas também como se desenvolve a vida e o crescimento de seus pupilos.

Quase contemporâneo ao diário de Bonnard, um diário de fantasia – cuja autora é Madame de Genlis que sobre os *enfants d’Orleans* tinha uma autoridade pedagógica – tem grande êxito no fim de 1700 na França, graças ao livro que o acolhe. Em um romance para adolescentes, *Adèle et Théodore*, publicado em 1782, a trama se desenvolve através

7. J.J. Rousseau, “Emile ou de l’ education”, em J.J. Rousseau, *Ouvres complètes*, Paris, Gallimard, vol. IV, 1969, p. 241.

de uma farta correspondência entre os personagens, dentre os quais está também o Conde de Roseville, ao qual é confiado um menino de 12 anos que é destinado a reinar e para o qual o conde escreve cotidianamente *un journal très détaillé*. O texto é o protocolo moral de uma seqüência de jornadas de um pequeno príncipe que cresce com regalias e por uma soberania mais democrática que aquela própria do *Ancien régime*, mas também um instrumento de educação moral, realizado no estilo da pedagogia especular do príncipe; as páginas relativas ao dia são, de fato, mostradas na manhã seguinte ao rapazinho, que as pede com ansiedade. Quando o futuro rei tem 13 anos e o *Journal* consta de oito volumes, o *gouverneur* o entrega, declarando que de agora em diante o diário será diferente, e, escrito com *plus de correction et d'attention*, será publicado e virará história.

Um menino bom, o pequeno príncipe de Madame de Genlis, como um menino boníssimo é – já diz o próprio nome – Benedetto, figura central de dois ensaios de Tommaseo, que usa o “diário” da mãe do pequeno. Na lapidação da narração, sabemos que Benedetto não tem defeitos, comporta-se de modo exemplar, em uma tradução à enésima potência da função pedagógica dos diários de infância, em que se assiste – no relato de um caso emblemático – a um projeto perfeitamente bem sucedido, não se sabe se por obra da natureza intrinsecamente boa do pupilo ou pela empenhadíssima *paideia* materna.

A fantasia na escritura de vidas infantis possui exemplos escassos nos tempos seguintes. Ao *Jeune prince* de Madame de Genlis, ao tedioso e sabichão Benedetto di Tommaseo, aparece depois de mais de um século, Joey, o protagonista do *Diario di un Bambino*, de Daniel Stern. Nele, a história do desenvolvimento da criança é feito pelas palavras de seus sábios pais, mas também da palavra do próprio Joey, não em um entrelaçamento dialógico, mas em dois discursos contemporâneos, que o menino desde o primeiro mês de vida sabe dizer e escrever de si, de sua vivência, até refletir, lá pelos quatro anos, sobre seu passado e a reescrevê-lo em forma menos rapsódica e impressionista.

O diário de Joey constitui – mesmo que *a posteriori* – um nexos entre tudo o que pais estudiosos escreveram dos próprios filhos: Tiedemann, Wirtenfeld, Dillenius, Mauchart, Darwin, Taine, Ferri,

William e Clara Stern, os Katz, os Frontali, Lichtner observaram, protocolaram, interpretaram as condutas de suas crianças com o objetivo de demonstrar através dessas o que fosse a infância de um ponto de vista científico. A intenção de Daniel Stern não é, no fundo, diferente; ele quer tornar acessível, através do estratagema retórico do exemplo, as regras de uma psicologia rigorosa da evolução que ele está construindo com empréstimos da psicanálise e teorias construtivistas. Joey é um menino composto pelos casos observados pelo próprio Stern, pequenos estranhos e os seus próprios filhos, um sujeito que da hipótese de generalização do desenvolvimento infantil, retorna, graças à sua palavra, à cotidianidade – enriquecida por traços de sugestiva e inverossímil fantasia – para dizer de ulteriores possibilidades e funções desse tipo de escritura.

3. Teorias, esboços, perfis, exemplos, casos clínicos

Dirigimo-nos segundo uma linha histórica, que parte do fim do século XVIII e percorremos o século XIX e a primeira metade do século XX, quando os diários de infância se estabelecem como gênero psicopedagógico autônomo e começam a se fazer mais espessos e notórios; alguns viram célebres diários (penso o “Piccolo Hans” de Freud), outros, a essa altura já estão esquecidos (mesmo que tenham despertado discussões e imitações quando foram publicados – o *corpus* inclui quatro⁸), passando por textos de Sigismund, Schleicher, Struempell, Egger, dos quais, mesmo quando foram editados, se falou pouco. E fazemos esse percurso considerando como, nesses textos, vinha se preparando aquela psicologia não filosófica do desenvolvimento que se inaugura oficialmente no último vinteno do século XIX, mas que tem os seus antecedentes nas preocupações higiênicas, médicas, pedagógicas e psicológicas de Tiedemann, Wirtenfeld, Dillenius e Mauchart. Tais textos têm intenções eruditas, procuram não ter preconceitos ideológicos e

8. Tiedemann, Dillenius, Mauchart, von Wirtenfeld.

afetivos – mesmo que não faltem expressões de ternura –, são voltados a generalizar traços julgados essenciais da natureza infantil observados na criança que olham com incansável atenção. Nesses a observação, a comparação, a catalogação e a análise das condutas estão no centro da escritura, e a abordagem evolutiva é exercitada sobretudo sobre os mais novos, que não sofreram intervenções de superestruturas culturais, mais naturais e portanto garantia de pureza empírica para quem os estuda. Progressivamente, a base existencial das observações – a criança individualizada, com um nome, um caráter, um ambiente – é omitida e a cotidianidade dos pequenos, que, por exemplo, serve como pitoresca moldura do “Profilo di un bambino” de Darwin, os caprichos e as cômicas asneiras do pequeno Doddy – o personagem, a meu ver, mais bem-sucedido desses diários infantis –, são aos poucos colocados de lado e no fim do século o menino particular, colhido em sua existência de todos os dias e de seus lugares, e juntamente descrito com fins científicos desaparece no trato teórico de uma infância considerada *en général*. Caso exemplar disso é *Die Seele des Kindes (l'anima del bambino)* publicado em 1882. O autor Wilhelm Preyer, um fisiologista, funda sua proposta teórica em base empírica, graças a estudos de observação feitos por outros e diretamente com a própria criança. Do pequeno Preyer não se conhece o nome, não se dá nenhuma informação sobre suas condições de vida, é indicado muitas vezes com o apelativo *mein kind*, *mein khabe*, ou seja, “meu filho, meu garoto”, quando tem poucos meses. Contudo, entre as linhas transparece uma série de informações deduzidas por um olhar contínuo, atento, por que não? empático, cujos êxitos foram protocolados de modo verossimilmente diarístico, com a intenção de utilizá-los para fins científicos. O diário subjacente ao texto que se expande como obra teórica, configura-se como uma espécie de desenho originário que guiou a caneta do autor, um esboço como existiam no fundo dos antigos afrescos, e a criança que o diário relata se torna o sujeito anônimo, mas essencial, que autentica uma proposta de psicologia rigorosa da infância, destinada a um público de doutos.

De uma criança e de sua cotidianidade doméstica até a sua descrição traduzida em termos metaindividuais; esse é o projeto intuível no texto

de Preyer e que, pelo que sei, tem apenas cinco análogos⁹, aos quais acenarei nas próximas linhas.

Em 1907, o psicólogo da idade evolutiva William Stern, ajudado pela mulher Clara, publica *Die Kindersprache. Eine psychologische und theoretische Untersuchung*, em que organiza de forma científica as anotações que principalmente a mulher tomou sobre o desenvolvimento de suas três crianças, Hilde, Guenther, Eva. Trata-se de um texto científico, que um longo trabalho de anotações – há também alguns desenhos e cartas das crianças – possibilitou: os diários dos três pequenos Stern, tesouro documentário também para fins de uma história da educação, continuarão a ser explorados em textos sucessivos, mas suas redações que até aqui não foram publicadas, irão muito além da função para a qual foram escritos¹⁰.

Em 1908, uma psicóloga americana, M. Washburne Shinn, publica a sua tese de doutorado em psicologia do desenvolvimento, valendo-se da observação diacrônica de um único caso. O trabalho é científico, mas em sua base está declaradamente uma série de anotações diarísticas, recolhidas pela autora, tia da menina observada – Ruth – e tiradas também de informações dadas pelos pais. Por vezes a pequena protagonista transparece vivaz da pureza pós-positivista da página, e a escritura

9. O texto de Preyer coloca-se em uma “moda” que já era difusa e que se intensificará nos anos seguintes à publicação de *Die Seele des Kindes*, de recolher diários de crianças e exortar a escrevê-los. Sinal disso é o pedido feito por W. Sully e reportado na *Educational Review* de junho – dezembro 1983, vol. VI (pp. 414 e ss.), no qual ele pede que pais e professores façam protocolos das suas observações sobre o desenvolvimento psíquico da primeira idade, pois “uma psicologia da mente infantil que seja fundada e sistemática pode ser desenvolvida apenas pela acumulação de um vasto numero de fatos”. Sully indica e explica também os parâmetros graças aos quais organizar as observações: atenção e observação, memória, imaginação e fantasia, raciocínio, linguagem, prazer e dor, medo, autoconsciência, simpatia, afeição, senso artístico, sentimentos morais e religiosos, volição, produção artística. Seria interessante saber se esse convite teve continuidade.

10. Tal capital de muitíssimas páginas de anotações, depositadas e transcritas no Max Planck Institut fuer Psycholinguistik di Nijmegen, foi acessível a mim graças à generosidade da colega Imbke Behnken da Universidade de Siegen na Alemanha. Deve-se lembrar que o diário de Hilde é concluído quando a pequena garota completa 13 anos, o de Guenther continuará até 1918, e o de Eva terá fim em 1915.

ritmada em dias, depois semanas, depois meses, se une a alguns trechos de diários – que constituem verificação desse caso único de menina “sinopia” recuperada além do véu da análise científica.

No início dos anos de 1920, Susan Isaacs, na tentativa de sintetizar para fins educativos idéias piagetianas e psicanalíticas acerca do desenvolvimento infantil, apresenta – em três diferentes pontos de dois de seus volumes – o diário mantido pela mãe de Ursula, uma menina dos 3 aos 5 anos, que é declaradamente selecionado para constituir uma confirmação das hipóteses acerca do amadurecimento social e intelectual dessa fase evolutiva. Assim se fala da menina seja a propósito de amor, ódio, sexualidade, dos sentimentos de culpa e vergonha – categorias eletivas do psiquismo não só infantil no modelo Kleiniano –, seja a propósito de pensamento e raciocínio. Obviamente, o nome da pequena é fictício, a narração do seu crescimento é selecionada e direcionada para fins científicos, mas a menina é presente na sua vivaz concretude e serve de exemplo para explicar melhor uma teoria, ainda não completa e afirmada, tem uma função que é confiada a ela por quem está de fora do diário e o está submetendo a uma versão que não era a sua original. Não mais “sinopia”, não ainda caso clínico, mas exemplo: esse o destino de Ursula nos acontecimentos do seu “diário”, que possui analogias na psicologia do profundo.

Junto do relato do primeiro experimento pedagógico em chave psicanalítica, *l'Asilo psicoanalitico di Mosca* (Schmidt, 1972), a edição italiana traz dois extratos de um diário que uma mãe cultuadora de estudos psicanalíticos – talvez a própria Schmidt – escreve sobre o filhinho Alik e que servem para fundar, através da observação, hipóteses freudianas sobre a pulsão da procura e sobre o sugar no desenvolvimento libídico e intelectual da criança. A narração se desenrola com escansões deformes, breve para os primeiros tempos, aos poucos mais longa, mostra o crescimento da criança, algumas das circunstâncias onde acontece tal desenvolvimento, e culmina em reflexões sobre a funcionalidade das notas recolhidas com fins de generalização. No texto, construções freudianas são ligadas a elementos de matriz marxista, por isso o ambiente social é visto na sua determinação sobre o desenvolvimento e

Alik – que é também um pequeno aluno do Asilo psicanalítico – se transforma, também ele, em um exemplo.

Em 1956, Anna Freud relê, seleciona e discute aquilo que chama de um “relato”, que uma mãe, Joyce Robertson, faz da sua filha de 4 anos, Jean, que após a recuperação em um hospital por causa de uma operação de tonsilectomia, volta para casa, seguida ainda por três semanas pela atenção e pela escritura materna. Sobre esse texto se debruça a filha de Freud, que o lê em chave de psicanálise do eu. Tal leitura possui um sentido preciso: “considero a publicação de Joyce Robertson uma contribuição importante aos nossos estudos psicanalíticos da vida psíquica infantil, não menos instrutivo do que as contribuições que são fruto de tratamentos analíticos realizados com crianças. Em seu papel de mãe, ela tem todo o direito de limitar-se à experiência vivida individualmente com sua filha e abster-se das generalizações. Enquanto leitores analistas, podemos nos permitir dar um passo além e retirar, do seu estudo, algumas experiências de validade geral” (A. Freud, 1956).

As palavras da psicanalista nos conduzem ao centro das culturas do profundo, onde o diário terapêutico é transformado em caso clínico, torna-se procedimento de apresentação rigorosa por excelência. Aqui as operações são opostas àquelas da psicologia científica de matriz positivista; parte-se do diário que é apresentado de uma forma literariamente e tecnicamente correta e elegante, e sobre tal texto, *apertis verbis*, funda-se no conjunto ou por algumas de suas partes, uma teoria, instituindo o caso como exemplo que confirma uma regra, mas também como capital de informações a serem interpretadas para refinar a própria regra. Nas origens desse tipo de procedimento está o caso clínico de um menino – o caso clínico do pequeno Hans –, acontecimento essencial não só para fins terapêuticos e teóricos, mas também para a nova idéia de infância que a inspira e que ele transmite. Mais uma vez é um pai que escreve de um filho, sob direção contínua e experiente de Freud: Max Graf, o pai do pequeno Herbert, que gerações de especialistas e de leigos conhecem sob o nome de “Pequeno Hans”, protocola incessantemente o crescimento do menino, seja quando está bem, seja quando adoece, e entrega as suas anotações ao professor, que as transformará no mais célebre dos casos clínicos. Se Hans é, segundo Freud, o sujeito

exemplar de uma infância que se desenvolve em chave libídica, ele é também uma criança real, que aparece na consistência da sua vida de filho de uma família culta e burguesa, com os seus acontecimentos do cotidiano, os lugares reservados da sua socialização, as figuras domésticas que governam a sua formação. Mas tudo isso, certamente estenografado nas páginas que o pai anota, se enfraquece e continua em filigrana quando ele é instituído protagonista de um breve “romance” psicanalítico. No caso clínico também o pequeno Hans virou um menino “sinopia”, foi expropriado de algo – o seu nome mudou –, viu sentimentos serem sacrificados, palavras, perguntas, mitos que na realidade sentiu, exprimiu, criou, mas que não eram significativos para fins de sua diagnose e de sua terapia.

Outras figuras de crianças povoam as páginas da psicanálise e possuem também essa função: mostrar como se tratam distúrbios da psique infantil, oferecendo o relato de casos individuais e mostrando seu valor emblemático e fundante para fins de uma teoria. A “menina diabo” e o pequeno mentiroso e ladrãozinho dos quais Anna Freud fala nas páginas que se referem ao seu trabalho terapêutico dos anos 1926-27, de *Il trattamento psicoanalitico dei bambini* (A. Freud, 1927), e aos quais acena também em outros textos, são eles também meninos escondidos, atraentes em suas dificuldades de estar no mundo, essenciais para mostrar como uma técnica terapêutica funciona; crianças contadas antes que nas páginas de uma obra científica, em anotações diacrônicas de seus terapeutas, em diários “descartáveis”, para serem, de qualquer forma, traduzidos em outro gênero textual. Junto das crianças freudianas está Richard, o paciente de 10 anos que Melanie Klein tratou em noventa e três sessões, a partir de 1941, e das quais manteve notas terapêuticas detalhadíssimas, constitui um exemplo notável das mudanças, que para fins de reabilitação e científicos, atravessam essas figuras infantis na escritura psicanalítica: de crianças protocoladas em seus cotidianos para casos clínicos, para sujeitos de diários terapêuticos, e portanto para personagens emblemáticos de técnicas e hipóteses curativas e psicológicas. Richard não é uma criança “sinopia”, mas um menininho cuja vida parece desenvolver-se nos acontecimentos experimentados no *setting* clínico ou neste relatado; a sua história é aquela que ele vive junto de

Melanie Klein nas densas sessões, nas quais é ajudado a crescer. Aqui, no foco da díade terapêutica, o desenvolver-se de atos e de palavras condensa a vida da criança, mostra suas dimensões insuspeitadas, reconhece e magnifica sua palavra e o gesto, e no tempo que não é apenas e tanto aquele do fazer-se adulto de um infante, quanto aquele da doença e da eventual cura, na desinibição de bloqueios e de regressões nos processos de amadurecimento, a atenção da terapeuta tenta colher e revelar o ponto de vista da própria criança. De todo o *récit* emerge uma outra infância, mais fascinante e inquietante, em que a palavra criança não é delegada ao discurso adulto, mas é respeitada, colocada no centro da relação com quem ouve, protocola, interpreta, narra; em que junto da palavra está o sintoma, e em torno do menino do qual se reconstrói o caso, juntam-se, sem nome autêntico, uma série de outras crianças mantidas sob cuidados.

Tal nova escuta da infância permitiu uma tomada do ponto de vista da criança, espectador do provável trânsito do protocolo à teoria. Certa vez, única que conheço, uma menina nos diz, de fato, como ela mesma se tinha visto no diário “sinopia” do adulto: é Piggie, muito jovem de paciente Donald Winnicott, da qual reportamos um breve trecho: “O doutor Winnicott costumava tomar notas durante as consultas e Gabrielle pensava que ele estivesse escrevendo a própria autobiografia, e que ela, de algum modo, tivesse sido envolvida em uma pequena parte dessa”. “Ele escrevia e eu brincava” (Winnicott, 1977).

4. Cadernos, álbuns, manuais , coleção de fotografias, filmes

Latentes atrás e ao lado de tratados, casos clínicos, ensaios de psicologia do desenvolvimento existem diários, de cuja construção não sabemos nada: como foram construídos, se com rápidas anotações, com notas e comentários acerca de condutas consideradas críticas, ou de modo mais livre ou rapsódico, revelador de afetos mais que de empenhos sistemáticos e de controladas contratransferências. Ignoramos qual tenha sido a distância temporal desses diários do texto bem organizado e pu-

blicado no qual se podem, às vezes com dificuldade, encontrar esboços de crianças – filhos e pacientes. Esse mundo da primeira infância podemos somente intuir, e por tal esforço da nossa fantasia e do nosso empenho para saber mais podem talvez servir – com cautela, porque as intenções dessa produção não são declaradas – aqueles diários que a generosidade de mães e pais, de crianças que viraram adultos, de irmãos e irmãs já grandes – que colaboraram para a sua construção – me permitiu consultar. Por hora são apenas 34; espero que aumentem, porque estou convencida de que existem muitos outros, conservados em arquivos familiares, junto de outros testemunhos que servem para reavivar a memória daqueles que os escreveram e daqueles que – e para os quais – foram escritos. Trata-se de cadernos em que o *récit* é difundido, tem ambições e não raramente qualidades narrativas, em que o sentimento é afastado, em que a mão e o olhar estão parados, decididos em suas seleções, aguçadas na construção de uma fenomenologia dos pequenos sujeitos que amam, esquadrinham, tentam evitar a ambigüidade, cuidam, educam. Mas são também pequenos relicários, em quanto muitos deles contém rabiscos, desenhos, escritos, fotos, das crianças que são relatadas, de sua frase textualmente retratada, cachos de cabelo. São relatos feitos de imagens – hoje há também filmes feitos com o *videotape* que narram histórias de vidas infantis –, ou mistos de fotografias e de texto escrito. Em muitos casos são todas essas memórias textualmente diferentes. E são também – avanço a arriscada hipótese de que se trate de sucessores dos livros de família que desde a época medieval continuaram até o século XIX – textos “pré-estampados”, nos quais páginas livres, mas organizadas por vozes, permitem escrever de modo ordenado a história do próprio filho, do nascimento até uma idade que varia. Um *corpus* no *corpus*, portanto, em que parece não haver quase nenhum denominador comum, em que as vias que se abrem à maravilha do leitor são muitas. Essas oferecem uma pluralidade de escuta de palavras: aquelas que dizem o grande – mais uma vez de si – sobretudo se é uma mãe, a qual relata freqüentemente sobre a gravidez, detém-se no parto, insiste sobre a proto-história de uma ligação em que mãe e filho se destacam lentamente de uma conexão simbiótica – e aquelas expressas pelo pequeno.

Nessa produção, a mãe aparece como a grande narradora, suplanta – ou sustenta – a figura paterna como autor do diário, se reapropria de sua função biológica e cultural, olha, trata, interpreta a criança em nome de sua ação de cuidado e educação. Em meu *corpus*, em 31 diários inéditos de tempos recentes (de 1930 até hoje), 3 são compostos somente pelo pai, mas em dois desses (Laura e Clara) existem também anotações da mãe; nos outros a contribuição materna é exclusiva ou predominante. A escrita materna aparece menos inclinada a fazer do documento uma autenticação do próprio papel, uma preparação para um livro ou ensaio publicáveis, o trecho de uma obra científica; são, em um certo sentido, testemunhos escritos de *maternal thinking*¹¹, em que o discurso se desenrola para ser breve, mas rápidos e essenciais, em que existe a maravilha de ver uma criança muito pequena que entra no mundo, de distinguir como reage aos cuidados, como se torna um sujeito.

O leitor, enfim, não encontra somente diários de conteúdo amplo (aqueles de Anna e Cláudio escritos pela avó, aqueles de Viola e Mirta escritos pela mãe para as filhas nascidas com 16 anos de diferença, aqueles do pai de Laura e Clara), mas também páginas mais breves, em que a indicação é lacônica, mas em que a fotografia – o caso de Augusta – intervém para mostrar aquilo que a caneta tem dificuldade de exprimir, em que o desenho completa a página e conta da alegria que acompanha a gestão dos menores.

Na tentativa de definir critérios de organização, tenho como hipótese que, provisoriamente, uma distinção desse tipo:

- Um grupo de documentos em que a redação da página é continua. A narração se desenrola por passos mais ou menos longos, dados, em intervalos irregulares, mais ou menos ricos de comentários sobre a conduta da criança, em que se diz como ela age e reage, como adquire certas competências. Neles são descritos também os lugares – da casa e de fora da casa – nos quais acontecem a

11. Conferir S. Ruddick, *Maternal thinking*, Boston, Beacon Press, 1989, especialmente, pp. 13 e ss.

sua transformação¹², fala-se de estratégias de criação, de ritmos do dia, de pessoas que ajudam a mãe com os cuidados do filho. Os dois diários – de Anna e Cláudio – escritos pela avó, os dois diários compostos pela mãe de Viola e Marta, os três diários realizados por Giro Frontali, o diário da mãe de Silvia, fazem parte dessa estante do arquivo que estou imaginando. Aqui a criança é descrita sem dificuldade, com detalhes, e se fala também em relação aos sentimentos do adulto que escreve: alegria e ternura, empenho, assiduidade, temor de não agir de modo pertinente, às vezes até ciúme porque o amor pela criança é dividido com outros, preocupação porque as suas reações são imprevisíveis e não correspondem às expectativas, esperança que após o crescimento aconteça aquilo que se desejaria que se tornasse. Nessas páginas se exprime um saber espontâneo do adulto chamado para gerir um ser que cresce, e se delineia a conquista de um profissionalismo não erudito, mas sempre eficaz e precioso, de pedagogos e psicólogos, que pede para ser reforçado e traduzido em termos mais seguros. São esses os diários mais completos, mais abundantes de detalhes, mais ricos na hora de contar de si e da criança juntos, com aquele olhar duplo encontrado nos diários publicados, ou naqueles escritos para serem lidos ao menos pela criança da qual escreveram. É também nesses diários que se exprime freqüentemente o motivo pelo qual a caneta se cala em um certo momento: a mãe de Silvia conclui o seu texto quando a menina tem 4 anos e acontece o batizado de seu irmãozinho menor; a mãe de Viola, ao fechar o seu diário – a menina tem quase um ano e meio – afirma: “V. passou por grandes mudanças: já é grande”; a avó de Anna e Cláudio anuncia com palavras tristes o fim de seu diário pessoal – que acompanha e comenta aqueles sobre os netos – quando filhos e pais mudam de casa e a avó fica sozinha no velho apartamento.

12. Sobre os espaços domésticos nos diários de Hugo Franck, Anna e Cláudio, cf. o meu “Per una pedagogia della casa”, em *Cadmo*, vol. VII, n. 3, pp. 7-14, dez., 1999.

- Junto aos diários de amor materno e de afeto de uma avó, os diários do pediatra Frontali aparecem como preparativos para a redação de um texto científico que será escrito vinte anos mais tarde (Frontali, 1955), relativo à definição da competência verbal nas três filhas. Nas páginas dos diários (Laura, Clara), o desenvolvimento da linguagem, marcado com atenção e precisão, já com alguns traços de organização e interpretação dos dados que acompanham o relato de fatos cotidianos, de intervenções dos adultos, de atividades das meninas, de lugares, encontros, eventos, quase a revelar os mecanismos e as seleções que em outros casos conduziram daquelas que chamei “sinopias” do documento científico.
- São sobretudo os pais que se arriscam com a aparelhagem fotográfica e a utilizam para lembrar os momentos salientes da vida do próprio filho. O exemplo mais bonito e completo do *corpus* é aquele de Augusta, que começa logo após o nascimento e se conclui quando a menininha tem quase 20 anos, e tem como seguimento um álbum de fotos feitas pela própria Augusta, a essa altura já dona de uma máquina fotográfica. Desenhos e comentários acompanham as fotos instantâneas, dando origem a um diário de múltiplos alfabetos – existia um outro mais breve, que depois se perdeu, em que o pai anotava quase estenograficamente em algumas pequenas agendas os progressos da menina no desenvolvimento físico e verbal –, estendendo-se por anos em muitos álbuns distintos. Os lugares domésticos e de férias, as celebrações de família com, no centro, a menina, a primeira comunhão, as festas e as fantasias de carnaval, são a memória de uma infância antes da guerra, com as suas cotidianidades, o *outillage* do jogo, a roupa, as pessoas que acudiam a pequena. Aqui e ali um filme sem áudio – esse material também não existe mais – contava mais detalhadamente episódios que a fotografia fixava, para dizer os problemas da reconstrução de uma infância e da escolha dos instrumentos para fazê-lo sem perder nada.
- Também fazem parte do *corpus* álbuns manuscritos, cadernos ilustrados, páginas deixadas para serem preenchidas pelos pais e espaços para colar fotos, poderíamos chamá-los porta-diários, que ain-

da hoje podem ser encontrados e oferecidos como objetos de presente pelo nascimento ou batizado de uma criança. Aqui a escrita é lacônica, a habilidade de concretizar categorias observativas e de relato banalizada pelos lugares fixados pelo *fac simile* de diário: o nascimento, os dados sobre os pais, o peso, o batizado, os primeiros distúrbios físicos, o primeiro dentinho, a primeira palavra, o primeiro aniversário. Raramente se vai além do primeiro ano de vida, se isso acontece, transgride-se a moldura do álbum impresso. Mas, de qualquer modo, tenta-se deixá-lo mais rico, preencher todas as linhas disponíveis, enchê-lo de fotografias, personalizá-lo ao máximo. Esses diários, hoje freqüentes, possuem um antecedente longínquo, o diário “pré-estampado” redigido na metade do século XIX pela mãe de Robert Stevenson, do qual existe uma versão impressa. A mãe do futuro escritor não se limita a seguir as indicações propostas pelo texto, mas intervém dizendo mais coisas e anexa uma fotografia do menino, quase que para testemunhar a realidade do menino sobre o qual escreve. Em um passado que é quase um presente, os diários contidos na parte B da lista do Apêndice são desse tipo, isto é, diários “guiados” com um assunto bem definido. Nestes, freqüentemente, há também conselhos à mãe. Os textos de Longhi (onde se dá, para 1955, notícias relativas a Maria Rosa, nascida em 1955), de Cislighi (que contém informações relativas a Emília, nascida em 1969), aquele distribuído como brinde do Talco bórico Florentia (intitulado *Omaggio alla natalità*, que nos diz a mensagem que veiculava, em linha com a incipiente política fascista de promoção demográfica), são desse grupo. Aqui um aspecto emerge com evidência: ser mãe de uma criança pequena é uma terefa que deve ser ajudada, explicada, ensinada. Manuais do “faça você mesmo” moral e puericultura acompanham a mãe no início desse seu trabalho, guiam-na seja no fazer seja no observar, e lhe oferecem sugestões, para aquele profissionalismo parental que já no início dos anos de 1930 vinha se delineando e que – nas últimas gerações – demonstra-o a leitura dos cadernos citados – resulta mais seguro, mais capaz de colocar-se problemas, de transformar em saber um fazer instintivo e tradicional.

- Junto desses exemplos o *corpus* contém também diários feitos em casa, mas construídos sob o modelo de álbuns “pré-estampados”, e que respeitam mais a fantasia de quem os escreveu. Os pais de Lucia (1990) narram a sua história em um caderno com ilustrações impressas, extrapolando as indicações do texto, e sobretudo, enriquecendo-o de fotos ricamente comentadas, que acabam quando nasce um irmãozinho. Um irmão e uma irmã mais velhos (Elisa, 1990) usam a fantasia livremente para fazer do relato uma história feliz, bem documentada, que vai do nascimento ao início da vida escolar. A tendência é, portanto, de ocupar o espaço da página, de assumir a palavra, de mostrar como a vida da criança é um evento peculiar que deve ser narrado segundo seus ritmos e modos, sem trancafiá-lo em rígidas rubricas, permitindo ao adulto a direção da observação, documentação, expressão. Mas, paradoxalmente, há também o convite à criança para falar de si: o subtítulo do diário de Jéssica é, de fato, “*L’album ricordo della mia infanzia*”.
- Não faltam diários construídos com tecnologias mais modernas, o de Augusta, paralelo fotográfico de uma série de pequenas agendas no qual o pai da menina anotava, de modo quase estenográfico, pequenos eventos da cotidianidade, exceto por enriquecê-lo com as imagens da pequena em seus acontecimentos existenciais, explicadas em seu tempo e lugar. Recentíssimos são alguns diários filmados¹³, filmes em *videotape*, em que a cena tende a perder a sua diacronia mais ampla – dias por anos – e concentrar-se em fatos intensos, ricos de imagens e vozes, em um caso (Camilla) reprodução muito organizada (foi contratado um profissional) de um batizado no campo. Esses diários ilustrados ou construídos através de imagens fixas ou em movimento, acompanhadas também pela voz filmada ao vivo, criam problemas *sui generis* não só de

13. No *microcorpus* de Augusta havia – também esses se perderam – filmes de alguns dias particularmente significativos – um dia na montanha, um passeio de barco a vela – que repetiam de modo dinâmico as fotografias e integravam as agendinhas escritas, já quase completamente substituídas pelas imagens fotográficas.

arquivamento mas também de interpretação, de leitura de uma história escrita em um alfabeto e em uma sintaxe diferentes, consentidos e permitidos pelas novas tecnologias que modificam a anotação da cena a ser lembrada, mas obrigam também a uma inteira organização textual bem diferente daquela da página escrita.

Arquivar um *corpus* documentário incompleto e diferente por modalidade de realização do texto significa não só e não tanto avançar ou colocar problemas de catalogação, e perguntar-se como enriquecê-lo, quais caminhos percorrer para deixá-lo mais conspícuo, quais são as regiões nas quais passa os limites e onde se poderá talvez encontrar material útil. Isso requer também perguntar-se acerca das muitas operações que estão em ação na produção de tal material: o que levou adultos de muitas gerações que nos ofereceram testemunhos desse tipo a escrever sobre uma criança? A fotografá-la, a filmá-la ao longo do tempo? Quais foram as motivações, as obrigações, as esperanças que inspiraram os autores desses escritos e de tais imagens a falar de si e de uma criança com as quais tinham uma ligação exclusiva? Quais eram e são os modelos não só de construção do texto, mas, sobretudo, de infância que tem quem escreve e quer verificar e realizar na criança que cresce diante de seus olhos? Quais, entre outras, as encomendas do social diversificadas por tempos e culturas que estimularam tais escritos e iconografias e governaram – tão mais obrigatórias quanto menos advertidas – o “corte” observativo, pedagógico e reabilitativo? E, talvez a pergunta mais importante e inquietante pela dificuldade de dar-lhe uma resposta, qual pedagogia doméstica tornou consciente e mais bem acabada a redação desses documentos da cotidianidade do adulto que olha, ouve e escreve sobre uma criança? Aqui, talvez mais do que em outro material documentário, a problemática da criança diante do adulto que se interessa por ela, mostra-se vistosamente, como se mostra com igualmente dramática clareza a dificuldade de educar no espaço protegido porém difícil da casa, chamando estudiosos de diferentes competências para uma cooperação que, talvez em outros territórios da historiografia, não sejam estimulados com tanta força.

Apêndice

Os diários abaixo indicados são ordenados, quando possível, por data de nascimento da(s) criança(s), das quais, quando conhecido, indica-se também o nome. Em caso de textos publicados, são indicados a data de edição e o título. Os diários ainda hoje inéditos são marcados por um asterisco. A lista A contém textos que não seguem um modelo pré-definido, diferentemente dos diários incluídos na lista B.

1. 1601. Louis, in J. Héroard, *Journal*, a cura di M. Foisil, Paris, Fayard, 1989. Iniciada com o nascimento do futuro soberano, a narração se conclui em 1628.
2. Emile, in J.J. Rousseau, *Emile ou de l'éducation*, in J.J. Rousseau, *Oeuvres complètes*, Paris, Gallimard, vol. IV, 1969, pp. 241-868.
3. 1763. Sophie, in Luigi Eugenio del Wurtemberg, *Lettere a Rousseau*, edite in J.J. Rousseau, *Correspondance complète*, Edição crítica e comentada por R.A. Leigh. Genève-Madison, Institut et Musée Voltaire-The University of Wisconsin Press. As cartas vão de outubro de 1763 a maio de 1765, estão incluídas entre a 2955 e a 3966 e contidas nos volumes XXV (1974), XXVII (1973) e XXVIII (1975).
4. 1770. Jacquel, in J.H. Pestalozzi, "Diario sull'educazione del figlio (27 gennaio-19 febbraio 1774)" in E. Becchi (a cura di), J.H. Pestalozzi, *Scritti scelti*, Torino, UTET, 1970, pp. 57-71.
5. Piccolo principe, in S.F. Comtesse de Genlis, *Adèle et Théodore ou Lettres sur l'éducation* - Ne ho consultato la *Nouvelle édition revue et corrigée*, Paris, Morizot. s.d. A primeira edição, sem indicação de edição e local, é de 1782.
6. *1773, Duc de Valois, 1775, Duc de Montpensier, enfants d'Orléans, in B. de Bonnard, *Journal d'éducation* inedito. Il saggio di D. Julia, "Bernard de Bonnard, gouverneur des princes d'Orléans (1778-1782)", in *Mélanges de l'école française de Rome. Italie et Méditerranée*, vol. CIX, 1997, pp. 383-464, reproduz amplos trechos do texto.

7. 1777. Teresa, in P. Verri, “Memorie della fanciullezza di Teresa (1777-1784)” in P. Verri, *Manoscritto per Teresa*, a cura di G. Barbarisi, Milano, Serra e Riva, 1983, pp. 95-140.
8. 1781. Friedrich, in D. Tiedemann, “Beobachtungen ueber die Entwicklung der Seelenfaehigkeit bei Kindern” in *Hessische Beyträge zur Gelehrsamkeit und Kunst*, primeira parte, 1786, n. 6, pp. 313-333; segunda parte, 1787, n. 3, Stück, pp. 486-502. Existe uma tradução italiana com o título “Osservazioni sullo sviluppo delle facoltà mentali nei bambini” in L. Trisciuzzi, *Il mito dell’infanzia*, Napoli, Liguori, 1990, pp. 119-154.
9. 1785. Amalie Louise, in M.A. von (1789-1790) Winterfeld, von, M.A. “Tagebuch eines Vaters ueber sein neugeborenes Kind (1789-1790)” in *Braunschweigisches Journal*, I parte, 1789, 8 (August), n. 4, pp. 404-441; II parte, 1790, 3, (Maerz), n. 5, pp. 322-332; III parte, 1791, 12, (Dezember), n. 6, pp. 476-484; “Beantwortungen einiger Einwuerfe der Herausgeber des Tagebuchs eines Vaters in Auguststuecke vorigen Jahrgangs, vom dem Verfasser dieses Tagebuchs” in *Braunschweigisches Journal*, 1790b, vol. III, Maerz, n. 5, pp. 322-332. Na família existem também outras três crianças mais ou menos pequenas, das quais se trata.
10. 1789. Frederike, in F.W.J. Dillenius, *Fragmente eines Tagebuchs ueber die Entwicklung der koerperlichen und geistigen Faehigkeiten und Anlagen eines Kindes*, in Campe, J.H. e Trapp, E.C. *Braunschweigisches Journal philosophischen, philologischen und paedagogischen Inhalts*, I parte, 1790a, n. 2, pp. 320-342; II parte, 1790b, n. 3, pp. 279-298; e “Noch ein Tagebuch ueber ein kleines Kind: zweites Jahr. Von einem anderen Beobachter”, in Mauchart, I.D. (Hrsg.) *Allgemeines Repertorium fuer empirische Psychologie und verwandte Wissenschaft*, Tuebingen, 1799, n. 5, pp. 225-252. A criança é a terceira filha do autor.
11. 1794. Lottchen in I.D. Mauchart, “Tagbuch ueber die allmaehlige koerperliche und geistige Entwicklung eines Kindes. Geb. den 7 April 1794. Nach Campe’scher Methode”, in *Allgemeines Repertorium fuer die empirische Psychologie und verwandte Wissenschaft*, Nuernberg, 1798, Band 4, pp. 269-294.

12. 1839. Doddy, in C. R. Darwin, “A Biographical Sketch of an Infant”, in *Mind*, vol. 2, 1877, pp. 285-294.
13. 1840. Hugo, in H. Franck, *Wenn Du dies liest... Tagebuch fuer Hugo*. Muenchen, Hanser, 1997.
14. 1846. Benedetto in N. Tommaseo, “Giornale di una madre”, in N. Tommaseo, *Sull’educazione*, Firenze, Le Monnier, 1846, pp. 52-61 que contém também um outro ensaio “Dell’immaginazione, come si svolga in un bambino che ne pare poco dotato”, pp. 246-250, que se baseia no “jornal” da mãe de Benedetto.
15. 1846. Bambina in L. Struempell, *Psychologische Paedagogik*, Leipzig, Boehme, 1888, pp. 352-368.
16. 1850. Robert Louis Balfour, in *Stevenson’s Baby Book, Being the Record of the Sayings and Doings of Robert Louis Balfour Stevenson, son of Thomas Stevenson, C.E. and Margaret Isabella Balfour or Stevenson*, San Francisco, Howell, 1922.
17. 1853. Caterina, in N. Tommaseo, “Il Giornale della Caterina”, trechos editados in F. Bacchetti, *Niccolò Tommaseo e il “Giornale della Caterina”*, Firenze, Le Lettere, 1997.
18. Maschietto, in B. Sigismund, *Kind und Welt. Die fuenf ersten Perioden des Kindesalters*. Braunschweig, Vieweg, 1856.
19. Emma, Erhart, Ernst in A. Schleicher, “Einige Beobachtungen an Kindern”, in A. Kuhn, A. Schleicher (Hrsg.). *Beitraege zur vergleichenden Sprachforschung auf dem Gebiete der arischen, celtischen und slavischen Sprachen*, Berlin, Duemmler, 1861, pp. 497-498.
20. Bambina, in H. Taine, “Taine on the Acquisition of Language by Children”, in *Mind*, vol. 2, 1877, pp. 252-259.
21. 1876. Betty, 1878 Elena, in L. Ferri, “Osservazioni e considerazioni sopra una bambina”, publicados in *La Filosofia della scuola italiana*, em três partes, em 1879, 1881 e 1883 e reeditados em Trisciuzzi, *Il mito dell’infanzia*, cit. pp. 246-296.
22. 1877. Alice, in F. Pollock, “An infant’s progress in language” in *Mind*, 1878, vol. III, pp. 392-401.
23. Maschio in M.E. Egger, *Observations et réflexions sur le développement de l’intelligence et du langage chez les enfants*.

- Mémoire lu à l'Académie des sciences morales et politiques*. Paris, Picard, 1879.
24. Maschietto, in T.W. Preyer, *Die Seele des Kindes. Beobachtungen ueber die geistige Entwicklung des Menschen in den ersten Lebensjahren*. Leipzig, Grieben, 1882.
 25. 1893. Ruth, in M. Washburn Shinn, *Notes on the development of a child*, University of California publications in education, vol. 4, 1908. Do texto, há também uma tradução parcial em francês prefaciada por René Zazzo, *Ruth, la biographie d'un bébé*. Trad. franc. Paris, PUF, 1988.
 26. 1900. Bambina, in P. Rossi, “Una pagina di psicologia della culla” in *La Rivista moderna*, vol. III, pp. 5-6, reeditada in *Pasquale Rossi e il problema della folla* (organizado por T. Cornacchioli e G. Spadafora), Roma, Armando, sem data, pp. 461-476.
 27. 1900. Hilde.
 28. 1902. Guenther.
 29. 1904. Eva, in W. Stern, *Die Kindersprache. Eine psychologische und theoretische Untersuchung*, Leipzig, Barth, 1907; C. und W. Stern, *Erinnerung, Aussage und Luege in der ersten Kindheit*, Leipzig, Barth, 1909; W. Stern, *Psychologie der fruehen Kindheit bis zum sechsten Lebensjahr, mit Benutzung ungedrueckter Tagebuecher von Clara Stern*. Leipzig, Quelle & Mayer, 1914.
 30. 1903. Hans, in S. Freud, “Analyse der Phobie eines fuenfjaerigen Knaben, (Der Kleine Hans)”. In S. Freud, *Studienausgabe*, vol. VIII, *Zwei Kinderneurosen*, Frankfurt A.M., Fischer Taschenubuch Verlag, 2000, pp. 13-123.
 31. 1904. Bubi, in E. e G. Scupin, *Bubis erste Kindheit*, Leipzig, Grieben, 1907. Degli stessi genitori *Bubi im 4-6 Lebensjahre*, Leipzig. Grieben, 1910. Desta obra, existe uma versão abreviada com desenhos da criança para o uso de educadores. *Vier Lebensjahe “Bubi”*. *Eine Beispielsammlung aus dem Tagebuch ueber die geistige Entwicklung eines Knaben*, Leipzig, Duerr, s.d.; G. Scupin, *Lebensbild eines deutschen Schuljungen*, Leipzig, Duerr, 1931.
 32. 1906. Hannah, diário inédito com o título *Unser Kind*, mantido pela mãe, Martha Arendt, desde o nascimento da filha até 1917. É

- inédito e conservado nas “Carte Arendt” na “Library of Congress di Washington”. Dele trata E. Young-Bruehl no capítulo I de *Hannah Arendt. 1906-1917. Per amore del mondo*, trad. it. Torino, Bollati Boringhieri, 1990.
33. 1909. Ruth, in V. Rasmussen, *Ruth, Tagebuch ueber die Entwicklung eines Maedchens von der Geburt bis zum 18 Lebensjahre*, tradução do manuscrito dinamarquês, Muenchen-Berlin, Oldenbourg, 1934.
34. 1920. Alik, in V. Schmidt “Lo sviluppo del desiderio di sapere in un bambino” e “L’ importanza del succhiare il seno e del succhiare il dito per lo sviluppo psichico del bambino. Brani del diario di Alik”. Trad. it. in V. Schmidt, *L’ asilo psicoanalitico di Mosca*, trad. it. Milano, Emme, 1972, pp. 33-86 e 89-111.
35. 1924. Ursula, in S. Isaacs, *Intellectual Growth in Young Children*, London, Routledge & Sons, 1930; *Social Development in Young Children. A study of Beginnings*, London, Routledge & Kegan Paul, 1933. A criança tinha sido aluna da *Malting House*, dirigida por Isaacs, em Cambridge, no início dos anos de 1920.
36. 1919. Nando, in Formigini Santamaria, *Giornale di una madre*, Roma, Formigini, 1926.
37. La “bambina diavolo” e “il bimbo bugiardo” in A. Freud, *Einfuehrung in die Technik der Kinderanalyse*, Vienna, Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1927, *passim*. Os casos tinham sido tratados na metade dos anos de 1920.
38. *1930. Augusta: existem dois diários, um feito de apontamentos escritos em agendazinha que terminam quando a pequena tinha três anos, o outro, composto de muitos álbuns de fotografias com desenhos e legendas, que continuam mesmo que com frequência progressivamente mais rara, até quando Augusta tinha mais de vinte anos. Havia – atualmente perdidos – também micro-histórias filmadas, cenas do diário detalhadas em pequenos filmes.
39. 1931. Richard in M. Klein, *Narrative of a Child Analysis*, in *The Writings of Melanie Klein*, vol. IV, New York, Delacorte-Seymour Lawrence, 1975.

40. *1935. Laura (há um outro diário de Laura escrito pelo pai, em alemão, que cobre um período mais breve, em 1936, mas não é a tradução parcial do diário iniciado em 1935) 1955, G. Frontali, “Lo sviluppo del linguaggio articolato nel bambino”, in *Bollettino ed Atti dell’Accademia Medica di Roma*, n. 1, 5/6, pp. 7-21.
41. *1936. Clara, se trata da criança nas últimas páginas do Diário de Laura, da qual é um irmã menor.
42. 1949-1976. Leone, in G. Pentich, *I colori di una storia. Momenti di vita e luoghi di poesia*. Milano, All’insegna del pesce d’oro, 1993.
43. *1950. Anna, no diário da avó Lina, que trata também de ambas as crianças – Anna e Claudio – no seu diário autobiográfico.
44. *1954. Claudio, no diário da avó Lina.
45. 1952. Eva in M. Zillig, *Eine Schulanfängerin, Psychologische Monographie eines sechsjährigen Kindes*, Muenchen-Basel, Reinhardt, 1960.
46. 1956. Jean, in A. Freud, *Comments on Joyce Robertson’s “A Mother’s Observations on the Tonsillectomy of her Four-Years-Old Daughter”* in New York, International Universities Press, 1956.
47. 1963. C. Boltanski, *20 Règles et techniques utilisées en 1972 par un enfant de 9 ans*. Kobenhavn, Berg, 1975.
48. 1968. Micol, in M. Lichtner, *Le prime parole. Diario di una bambina*. Roma, Meltemi, 1999.
49. 1973. Fabrice, in S. Mollo, *Construire Fabrice*, Paris, Edilig, 1982.
50. 1977. Piggie, in D.W. Winnicott, *The Piggie. An Account of the Psychoanalytic Treatment of a little Girl*, London, The Hogarth Press, 1977.
51. *1978. Silvia.
52. *1979. Viola.
53. D.N. Stern, *Diario di un bambino. Da un mese a quattro anni, il mondo visto da un bambino*, Milano, Mondadori, 1991.
54. *1995. Mirta.
55. Giorgia, in P. Bertolini, *I primi tre anni della vita di una bambina raccontati da suo nonno*. Roma, Meltemi, 2001.

B. Os diários das seguintes crianças são preenchidos sobre pré-estampados:

56. *Maria Rosa, 1955.
57. *Emilia, 1969.
58. *Roberto, 1968.
59. *Alessandro, 1972.
60. *Davide, 1976.
61. *Elena, 1978.
62. *Alessandra, 1980.
63. *Emma, 1980.
64. *Cristiano, 1981.
65. *Elisa, 1981.
66. *Francesco, 1981.
67. *Ilaria, 1982.
68. *Valentina, 1983.
69. *Simona, 1983.
70. *Daniela, 1984.
71. *Jéssica, 1986.
72. *Matteo, 1984.
73. *Sara, 1986.
74. *Federica, 1987.
75. *Elisa, 1990.
76. *Alessandro Giovanni, 1992.
77. *Diego, 1992.
78. *Camilla, 2002.